


## **“Nada disso tem medida, nada disso foi programado, não”: práticas artesanais de um Jequitinhonha como jogos de linguagem em diálogo com [M]atemática[S]**

Rafael Antunes Machado 

Carolina Tamayo 

---

### **Resumo**

O presente artigo, proveniente de questões que emergiram de uma pesquisa de doutorado em andamento, dialoga com as práticas de artesãs das comunidades de Campo Buriti Campo Alegre, zona rural do município de Turmalina, Minas Gerais, Brasil, e percorre o território dessas mulheres vislumbrando suas ações por meio da linguagem. Linguagem entendida para além de expressão audível ou escrita, mas representada em artefatos e ou ações performáticas e performativas. A análise das práticas socioculturais é pautada com base em um programa de natureza terapêutico+desconstrutivista+decolonial, fugindo de uma observação essencialista e busca a constatação de significados por meio dos usos das expressões em um determinado contexto. Nesse sentido, entendemos a relação espaçotempo como indissociável e fundamental para análise de quaisquer fenômenos, vistos que esses sempre ocorrem em local específico e apresentam duração histórica. Caminhando pelas pegadas das artesãs do barro, conseguimos ultrapassar o conceito de espaço para, então, atingirmos o território, categoria que abarca para além de uma geografia métrica. [M]atemática[s], então, emergirão enquanto práticas iterativas.

**Palavras-chave:** Artesania. Linguagem. Educação Matemática. Decolonialidade.

## **“None of this has measurement, none of this was programmed, no.”: artisan practices of a jequitinhonha as language games in dialogue with [M]athematic[S]**

**Rafael Antunes Machado**

**Carolina Tamayo**

### **Abstract**

---

This article, arising from questions that emerged from ongoing doctoral research, dialogues with the practices of artisans in the communities of Campo Buriti Campo Alegre, a rural area in the municipality of Turmalina, Minas Gerais, Brazil, and covers the territory of these women, glimpsing their actions through language. Language understood beyond audible or written expression but represented in artifacts and/or actions. The analysis of sociocultural practices is based on a therapeutic+deconstructivist+decolonial program, avoiding an essentialist observation and seeking to identify meanings through the use of expressions in a given context. In this sense, we understand the *space-time* relationship as inseparable and fundamental for the analysis of any phenomena, since they always occur in a specific location and have a historical duration. Walking in the footsteps of clay artisans, we manage to go beyond the concept of space to reach territory, a category that goes beyond metric geography. [M]athema[s], then, will emerge as iterative practices.

**Keywords:** Craftsmanship. Language. Mathematics Education. Decoloniality.

### **“Se eu pensasse na minha história de vida, a peça não teria preço”<sup>40</sup>**

A ideia de se abrir algo pode nos remeter a um percurso inicial, a um começo de travessia, à predisposição ao inédito. Pode, ainda, nos transportar à continuidade de uma caminhada, mas por novos olhares, novas direções, novos processos, mas seguindo rastros e pegadas prévios. Por onde ocupar?

Marcamos, aqui, um certo apreço pelo prefixo *trans* como em travessia (do latim, *transversus*) ou transportar (também do latim, *transportare*). *Trans* no sentido de “para além de”, “do outro lado”. O que esperamos, então, encontrar do outro lado? Apreciamos, também, o *percurso* (*per*, num sentido de torção) dadas motivações e caminhos anteriores. Nesse sentido, o presente texto apresenta indagações e problematizações iniciais de uma pesquisa de doutorado em andamento, que segue pelos rastros de uma pesquisa de mestrado defendida por Machado (2021) em que o autor questiona suas práticas de professor de Matemática confrontadas a partir das práticas socioculturais de artesãs do barro.

Em um campo das palavras (como ações lidas, escritas, encenadas, performadas) e seus significados, apresentamos nosso envolvimento com mulheres artesãs do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, Brasil, em sua lida com o barro, em uma encenação da vida juntamente com elementos naturais não humanos – água, terra, fogo, bioma cerrado. Nesse sentido, neste texto problematizamos a prática artesanal dessas mulheres enquanto performances que seguem uma outra métrica, um outro campo de dimensões – que não as dos livros didáticos de matemática –, uma métrica de sentidos, de toques, de concessões e que constituem, por isso, novas significações ao que entendíamos por uma prática normatizada denominada Matemática.

Em síntese, a presente escrita nos *transporta* ao artesanato com barro dessas mulheres do Jequitinhonha em um *percurso* através das palavras, em uma metodologia que segue uma abordagem para além do interpretativo, mas que busca entender a natureza das *cenas* das artesãs enquanto conjunto de práticas orientadas por regras, por cadências e por procedimentos geracionais que *atravessam* o espaçotempo, mas que não se cristalizam. Procedimentos, também, que estão inseridos em um espaço geográfico, mas que não se limitam a uma espacialidade demarcada por fronteiras. Práticas, então, que estão sujeitas ao diálogo entre humanos e não humanos

---

<sup>40</sup> A dissertação de mestrado intitulada “A gente tem a experiência do barro’: entre Artesãs, Joana e Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade”, sob orientação do prof. Dr. Filipe Santos Fernandes e avança rumo a novas aberturas em uma escrita de tese de doutorado com título provisório “Expressões do barro: Performances encenadas por mulheres artesãs do Jequitinhonha em diálogo com a natureza, com a vida e com [M]atemática[s], orientada pela profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio. Tanto a dissertação quanto a tese em andamento são de autoria de Rafael Antunes Machado, pós-graduando da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, Brasil. Parte do título do presente artigo, assim como os títulos das sessões dele, surgem dos rastros desta pesquisa de mestrado, como parte do caminhar do pesquisador pelo vale de Jequitinhonha. Estes rastros emergem das falas reais de artesãs do barro.

A citação que abre esta seção, presente em Machado (2021, p.118), foi proferida por Deuzani Gomes dos Santos, artesã do Vale de Jequitinhonha (MG). A peça, enquanto conjunto de objetos que abarcam similaridades, é dada a fala de Deuzani, um compêndio de saberes, experiências e vivências materializados em um artefato.

Precificar a vida. Precificar uma história de vida. Precificar um artefato que nasce de uma vida com sucessivas histórias. “Parece que a vontade do capital é empobrecer a existência” (Krenak, 2022, p.20). Soa-nos contraditório e inimaginável, em se tratando de um sistema capitalista que urge por conexões premeditadas e lucrativas no qual estamos imersos, que algo não tenha medida ou que, tampouco, não tenha sido programado. E precificado? Entretanto, cabe-nos a reflexão sobre qual mundo ou sobre qual sistema interpretativo (ou analítico) de mundo nossa óptica está debruçada. Tensionar, aqui, para além do redigido como título deste artigo e adentrar pelo fecundo campo das palavras, gestos, e performances encenadas por seres naturais localizados em um tempo histórico específico e em um espaço que não se limita a demarcações geometrizadas e geometrizáveis. Assumir, aqui, uma *visão panorâmica*<sup>41</sup> sobre o acontecimento, encontrar relações, segundo Gutiérrez (2023), que antes não víamos, encontrar enlaces intermediários.

O presente artigo dialoga com práticas artesanais de mulheres que residem nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, município de Turmalina, interior de Minas Gerais, BR. Essas mulheres, camponesas e artesãs, em sua lida com o barro, manipulam suas formas de ser e estar no mundo e registram, a seu modo, uma história marcada por saberes geracionais e de resistência, por pegadas e remissões, por rastros dos rastros dos rastros que nos indicam não

somente o desaparecimento da origem, ele quer dizer aqui (...) que a origem nem ao menos desapareceu, que ela não foi constituída senão em contrapartida por uma não-origem, o rastro que se torna, assim, a origem da origem (Derrida, 1967, p. 90).

Não esbarraremos, aqui, na impossibilidade de determinar a essência das coisas, assim como na impossibilidade de uma visão cristalizada da arte, do conhecimento, da matemática, mas na possibilidade de enxergar para as práticas sociais do Vale enquanto jogos performáticos de linguagem encenados cotidianamente por formas de vida (humanas e não humanas) em contrato com uma mesma gramática. Com isto quero dizer que a prática artesanal desenvolvida por algumas mulheres de Campo Buriti e Campo Alegre é uma atividade em constante interlocução com a natureza e que traz, consigo, uma *métrica* baseada

---

<sup>41</sup> “Numa apresentação panorâmica, cujo fim é persuadir e não determinar o verdadeiro e o falso, vale também como recurso terapêutico não somente a iluminação das conexões normais da gramática, mas também a invenção de interligações. Libera-se o campo de atuação do método quando o autor concebe uma atividade filosófica eminentemente negativa: não descobrir nada de novo, nem criar novas teorias, mas deixar tudo como está (IF § 124). O método ocupa-se exclusivamente com a dissolução de dogmatismos pela persuasão do paciente. Para esse fim, vale também o recurso retórico da invenção.” (Almeida, 2009, p. 13)

no corpo, nos sentidos, na percepção sensível do mundo. Uma métrica, então, que enuncia rastros de um grupo de pessoas que compartilham espaços, tempos e *regras* próprias empenhadas em suas práticas. Uma *métrica* que está sujeita a cada ser que descreve e aprimora sua prática. Uma *métrica* consensual, temporária e fluida, significada por e naquele grupo sociocultural específico. Essa *métrica*, então, múltipla, polimórfica, polifônica e que se abre em pistas, nos permite a seguinte questão para problematizar as presentes páginas enquanto um recorte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento: como [M]atemática[s], enquanto práticas socioculturais performáticas de linguagem, dialogam com o meio, com os seres naturais e são constituídas/constituem a figura feminina enquanto um território em constante expansão?

Assim, em uma virada vital-praxiológica no sentido de Miguel et al (2022, p. 20) a busca reside em “desconstruirmos a pureza cristalina do ouro do cetro mágico através do qual a ‘rainha das ciências’ insiste em eliminar dos nossos caminhos as impurezas do solo áspero do qual brotam e vicejam as vidas em todas as formas de vida”. A natureza gramatical das coisas não perpassa o trabalho de John Wilkins no conto de Jorge Luis Borges de 1942, mas como as coisas ganham vida a partir do seu uso, “o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem”. (Wittgenstein, IF, §43).

Imagem 2: "Medusa do Jequitinhonha".



Fonte: Antunes (2015).

E se essa pureza cristalina do ouro do cetro mágico da rainha das ciências fosse vista, então, como uma medusa que congela, aprisiona e impede quaisquer movimentos, quaisquer trânsitos ou quaisquer travessias? E se o Jequitinhonha se apresentasse, paradoxalmente,

como um ser – que não é mítico – que transforma em barro o que se apresentava como cristalino. E se a nova metáfora residir, então, em transformar em barro o que era ouro, mas não aprisionar, mas não aludir a um ser que priva de movimentos, mas encontrar nos *olhares* da medusa do Jequitinhonha novas viradas sobre as quais optamos – ou não – nos dobrar.

O que significamos, então, com uma virada vital-praxiológica em nosso modo de fazer pesquisa? Por que, para que? A *torção* necessária para observarmos práticas socioculturais enquanto campo de atividades que são realizadas com seus métodos, mas que não se pautam em descrições necessariamente formalizadas em receituários com palavras escritas, mas em fios que conduzem por entre ações e repetições. Ações, então, que não são explicativas no “faça assim segundo este guia”, mas enunciadas no “eu faço assim (e você é livre para percorrer por entre esta técnica). Na prática”. Uma virada do ouro de Midas para o barro da Medusa.

Enunciamos aqui, então, um dos objetivos dessa escrita, materializado nas falas de Restrepo e Osorio (2020, p.62): “pensar em matemáticas como conjunto de ações performadas que produzem saberes, sentimentos e valores em formas de vida determinadas”.

As análises aqui presentes serão permeadas por incursões em um Programa Terapêutico+Decolonial+Desconstrucionista que enxerga a matemática (ou uma matemática) como campo de ação humana em análise – *levada ao divã* –, com suas *não* essências descaracterizadas – ou *desconstruídas* – e suas reais autorias assinaladas e evidenciadas. “Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais.” (Krenak, 2022, p.22)

Sobre autorias, muito antes de um registro – tátil, visual, audível, qualquer que seja – há as contrações de quem a fez nascer, há a autoria, há as subjacências por traz do explícito. Há, sobretudo, a voz que fala, há o timbre e a historicidade desse corpo. Um corpo que, por meio de afetações múltiplas, significou e produziu, a necessidade de se libertar de si mesmo e ocupar espaços para além de sua pele. “Sempre tem que ir avante. Não pode deixar perder o que aprendeu tempo atrás”<sup>42</sup>

A modernidade, segundo Rogério Haesbarth (2021) privilegiou o tempo sobre o espaço, “sobretudo através da ideia majoritária de um tempo unilinear e cumulativo, ‘progressivo’” (Haesbarth, 2021, p.33). Entretanto, há de se romper com a dualidade espaço-tempo que atribui ao primeiro, segundo o mesmo autor, visto como estabilidade ou essência duradoura e o segundo como dinamicidade, mudança ou “devir”. Nenhuma dinâmica social se realiza sem extensão geográfica e duração histórica.

O trecho que nomeia esta sessão foi enunciado por uma das pioneiras do artesanato em Campo Buriti. Dona Pêdra assume a ação progressista atribuída ao tempo – *ir avante* –, mas evidencia o espaço – *o que aprendeu* – em que sua prática sociocultural, visto que suas

---

<sup>42</sup> Fala da artesã Pêdra Gomes Barbosa. Disponível em Machado (2021, p.116).

raízes artesanais foram ali desenvolvidas. Despretensiosamente, a artesã significa sua prática segundo dimensões indissociáveis. Nesse sentido,

(...) podemos afirmar que uma das grandes contribuições do pensamento descolonial é justamente ler o espaço como essa densidade/multiplicidade de tempos acumulados e constantemente refeitos. Rer e refazer o espaço à luz do espaço presente, objetivando um novo futuro que, em hipótese alguma, abandona o passado, é uma das grandes ênfases da descolonialidade do poder. (Haesbarth, 2021, p.37)

As práticas socioculturais das artesãs das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre são fruto, constituem e são constituídas das interações *espaçotempo-espaço*. As leituras que emergem dessas práticas enquanto jogos de linguagem são frutos de conexões entre espaços que se movem em função de dinâmicas temporais precisas e limitadas. Por jogos de linguagem entendemos que “Na práxis do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas. Chamarei de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das ações com as quais está interligada” (Wittgenstein, IF-§7).

Nesse sentido,

(...) a linguagem vista como práxis sugere que praticar um jogo de linguagem se assemelha a participar de uma encenação, de uma performance corporal efetiva. O que Wittgenstein está querendo dizer é que sempre praticamos a linguagem com o corpo todo, e não apenas com a vibração culturalmente regada de sons emitidos por nossas cordas vocais. (Miguel, 2016, p.372)

Contextos históricos instaurados na região fazem com que, com maior ou menor intensidade, a lida com o barro sujeite-se a interferências de diversas formas de vida.

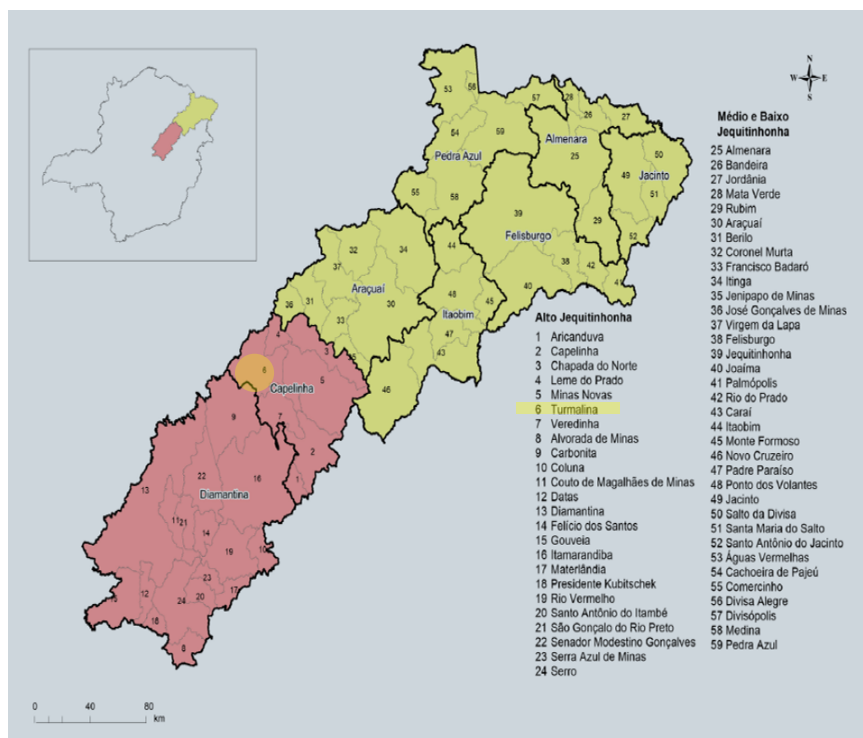
A prática social, ainda, enquanto campo de significação de palavras em diversos contextos, passa a ocupar um lugar de dizeres e fazeres que mobilizam conhecimentos e memórias e envolvem ações com o objetivo de atingir um propósito. Não se atingem propósitos que não tenham uma significação local mobilizados, por exemplo, por aspectos de memórias.

### **“... com as mãos, ser humano”**

O artesanato em barro das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre como uma linguagem que emerge em meio às necessidades de uma terra. Essas comunidades estão localizadas na zona rural do município de Turmalina, interior de Minas Gerais. Da capital mineira, Turmalina dista 489km, em um trecho que circunda por volta de 9h de ônibus, em condições regulares de viagem.



Imagem 3: Vale do Jequitinhonha.



Fonte: <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/wp-content/uploads/2019/03/Picture1.png> Acesso em 24 fev. 2023.

Turmalina, segundo levantamento do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, é um município com 18.055 pessoas (em 2010) ocupando uma região de 1.153,111 km<sup>2</sup> no Alto Jequitinhonha.

Da cidade de Turmalina, as comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre distam em torno de 20 minutos – tempo e espaço como categorias únicas, aqui? – em meio a asfalto e estradas de terra batida. Faustina Lopes da Silva, Dona Faustina como é conhecida nas imediações, moradora de Campo Buriti, nos conta que

Nosso lugar é muito abençoado para morar, porque do chão saiu nossa forma de, com as mãos, ser humano. E a terra que Deus deu, com a qualidade que ela é, as pessoas fazerem o jeito de vida que é aqui mesmo. Não precisa ir pra longe. (Machado, 2021, p.108)

As comunidades, imersas no cerrado mineiro, apresentam solos pouco férteis – ao considerarmos a relação com a agricultura – e estações chuvosas irregulares. Assim, o plantio, mesmo que para subsistência, e a criação de animais torna-se tarefa desafiadora, visto que, ainda, na região há extensas áreas de *monocultura* de eucalipto. A sobrevivência ali deveria ser inaugurada de uma outra maneira. A fertilidade da terra que dona Faustina menciona em Machado (2021) reside em outra potencialidade.

Dona Faustina nos conta, em Machado (2021, p.119), sobre o início do artesanato em barro na região. “Como que esse povo daqui vive? A terra não é de muita cultura. O próprio lugar oferece o jeito de viver. Foi assim que o povo descobriu o artesanato”. Emerge, motivado



pela fala de Dona Faustina, mais um objetivo pertinente a essas páginas: perceber como o território é ocupado de uma outra forma, para além de uma métrica espacial eurocêntrica ou de uma lógica normativa estatal. Um território, então, que se [re]reconfigura em um modo de defesa da própria vida. Performar o jogo do artesanato como inserção em um território. Segundo Rogério Haesbarth (2021)

O espaço se torna, sobretudo, fruto de conexões e, além disso, incorpora de forma indissociável o jogo entre os mundos materiais e imateriais, superando outra dicotomia que vê o espaço apenas como materialidade, “exterior”, e o tempo como incorpóreo, “interior”. (Haesbarth, 2021, p.38)

O convite proposto, então, é o de *caminhar* pelo território do artesanato e considerar as potencialidades de deslocamentos nas aprendizagens para, então, vivenciar outras realidades que não as nossas. Seguir as pegadas ancestrais impressas naquela região. Caminhar, quem sabe, até o *fim de um mundo* para conhecer *outros mundos* que se abrem por imagens.

Produzir, então, novas caminhadas e novas geografias a partir de relações entre seres naturais inseridos em circunstâncias específicas. Geografias, aqui, para além de medidas aprisionadoras, mas construções dinâmicas e instáveis.

Aqui, o horizonte se expande no contato diversificado com formas conhecidas da vida humana e não humana por meio de leituras, do convívio variado (...). (Tamayo, 2017, p. 53). A humanidade aludida no título desta sessão, então, por meio de práticas sociais que ultrapassam as mãos, mas se instauram como ações de corpo todo e encenadas em um *espaçotempo* próprio.

A categoria *espaçotempo* faz-se operante ao assumir que experiência e ação transcorrem em algum intervalo da prática. Entretanto, percebe-se, aqui, que tratar puramente de espaço enquanto ponto de análise de fenômenos que se sucedem torna-se restritivo. Nossa caminhada, então, pede que ampliemos nossa compreensão de espaço e incorporemos, assim, as necessidades de um território, um território que se move e que tem inconstâncias. Há uma real necessidade de compreendermos “não apenas o espaço físico e geográfico, mas toda a simbologia cosmológica associada às práticas sociais que regulam o espaço” (Tamayo, 2017, p.65).

Neste ponto, faz-se necessária a compreensão de um *território-artesã*, uma unidade funcional, segundo Haesbarth (2021), e expressiva comprimida na unidade espacial mínima que é o corpo. Esse território, então, traz em si espaços de lembranças, uma memória corporificada em uma marca. Um *território-artesã* que, segundo Deuzani Gomes dos Santos (Machado, 2021), se vale d’“A experiência mesmo. Vai fazendo, errando, acertando. É com o tempo mesmo. É na cabeça mesmo”. Um território que se constitui para além do tempo presente e que supera as dimensões espaciais. Um território que foge da linearidade temporal e que acessa, recorrentemente, os sulcos de uma prática geracional.

Parece-nos contraditório, entretanto, usar a palavra *território*, que traz a ideia de demarcação, de limitação de separação, típica daquilo que o homem branco fez e faz com terras, para nos referirmos a um corpo que se expande dadas suas memórias, práticas e relações com o meio natural, humano e não humano. Afinal, “Quem ensinou a demarcar foi o homem branco” (Viveiros de Castro, 2015, p.37).

Essa contradição, entretanto, é desfeita ao compreendermos, segundo Haesbarth (2021) que essas proposições surgem de movimentos feministas ou ecofeministas e de movimentos indígenas que trazem o poder da corporeidade, ao mesmo tempo, como objeto do exercício do poder e como sujeito (corporificado) de resistência. Por corporeidade, aqui, entende-se como uma “linguagem estrutural que transpassa o corpo centrada nas práticas cotidianas” (Haesbarth, 2021, p.165). Um território que se faz em canais, em lembranças, em redes, em conexões.

Ao evocarmos o território para além do espaço, assumimos, segundo Haesbarth (2021), uma combinação de múltiplas perspectivas em que cada indivíduo ou grupo em sua especificidade de classe e identidade, percebe e constrói de um modo sua visão específica de mundo, nunca alheio à condição espacial a que está imerso. Assumamos, então, assim como Bensusan (2021) que (seu) corpo, ele mesmo, não tem limites, “começa na minha pele e se estende até os confins do que não tem fim.” Um território-artesã sem limites?

### **“... você vai pintando e vai acontecendo”<sup>43</sup>**

Em um âmbito capitalista que busca por processos controlados e controláveis, ser suscetível ao acaso ou renunciar a qualquer forma de controle, parece um tanto inusitado. Entretanto, o título desta sessão em nada apresenta desleixo ou aleatoriedade.

Por mais que o verbo *acontecer* flexionado no gerúndio dê ideia de processo incontrolável, o corpo que pinta (um artefato em barro) carrega marcas corporais e um arcabouço de técnicas que não se prendem *nem* ao momento presente *nem* a um passado aparentemente distante. Cabe, então, um *olhar fora* da prática, atentar-se para as relações intersubjetivas que acontecem entre os *participantes do jogo*, esses sendo humanos e não humanos, afinal “o que se encontra na base de um jogo de linguagem é o nosso agir.” (Wittgenstein, IF, §204). Acontecer, aqui, no sentido de descompactar, de desordenar, de questionar.

Em uma análise terapêutica-desconstrucionista, a prática social do artesanato é levada ao divã e os problemas filosóficos que emergem por meio da linguagem são tratados e, assim, é possível

(...) lidar com os usos das palavras como matemática sem, com isso, fixar unilateralmente um novo significado dessa palavra que se ajuste a todos

---

<sup>43</sup> Fala da artesã Deuzani Gomes dos Santos. Disponível em Machado (2021, p. 64).

contextos de uso dela ou apontar dentre possíveis significados um que seja melhor ou que essencialmente represente a matemática. (Julio, 2019, p.86)

Vale lembrar que, para Wittgenstein, “Não há um método em filosofia, mas sim métodos como que diferentes terapias.” (Wittgenstein, IF, §133). Nesse sentido, a terapia não como comprovações de hipóteses ou teorizações, mas um trilhamento de outros caminhos que não pretendem ver o mesmo no outro, mas sim, “situar cada jogo de linguagem na sua forma de vida.” (Tamayo, 2017, p.165).

Assim, olhar terapeuticamente para as práticas socioculturais das artesãs culmina na defesa de que elas, as práticas, têm sentido nos contextos em que se originam. Uma análise das encenações das artesãs parece-nos possível não pela busca da essência em suas práticas, mas uma terapia que nos ajude na busca de “outras formas de ver o que até então parecia solidificado, essencial e que não dava margem para ser de outro modo, é lidar contra os usos que fazemos das palavras sem querer substituí-los por uma nova metafísica.” (Julio, 2019, p.90)

Em Machado (2021), em diálogo com Deuzani Gomes dos Santos, artesã do barro do Vale do Jequitinhonha, lemos:

“Sabe, é melhor usar uma pena de galinha bem fina ou até mesmo um pincel bem fino. Sem medida, só na coordenação motora mesmo. Toda pessoa desenvolve seu jeito. Eu ensinei minha filha, mas hoje ela pinta 200% melhor do que eu. Tudo é na intuição. Nada disso tem medida, nada disso foi programado, não. Na hora da pintura, você vai pintando e vai acontecendo. Você vai pegar a peça e olhar mais ou menos que tamanho vai dar (do desenho). Às vezes faz uma marcação pra ver se vai dar certinho. Como já tem prática, já dá certo. Na pintura, não tem molde.” (Machado, 2021, p.64)

A artesã Deuzani Gomes dos Santos nos conta sobre o processo de pintura em uma peça de barro que será submetida, ainda, ao processo de queima. Sobre a citação posta, nossa empreitada não recai em um trabalho de tradução ou transposição (Tamayo, 2017), tampouco revelar a “*verdade*” por trás das palavras, mas problematizar – segundo uma opção decolonial – para além do que nossa concepção ocidental colonizada está programada. Cabe-nos tensionar, ainda, como “Uma imagem nos mantinha presos. E não pudemos dela sair, pois ela residia em nossa linguagem, que parecia apenas repeti-la para nós inexoravelmente” (Wittgenstein, IF, §115).

Sobre o uso da palavra “imagem”, Arley Moreno (2012) nos conta que essas são expressões linguísticas que sustentam nossas certezas, elas nos impedem de pensar o que dizem. As imagens, então, nos apresentam limites que são desafiadores de ultrapassar. Vale ressaltar, aqui, segundo o autor, as imagens sustentam algo de nossa subjetividade, uma subjetividade construída segundo um contrato coletivo de existência. Para Derrida (1967), a tradição filosófica ocidental nos acostumou a pensar as diferenças a partir de uma estrutura metafísica dualista. Cabe-nos, então, em uma premissa desconstrucionista, não contrapor o

que a tradição ocidental ecoa e o que as práticas artesanais revelam, mas *desconfigurar* uma imagem da Matemática em função de um discurso desenvolvimentista.

Retomando a fala da artesã Deuzani, “*Eu ensinei minha filha, mas hoje ela pinta 200% melhor do que eu. Tudo é na intuição.*” (Machado, 2021, p.64), uma problematização caminha em direção ao uso da conjunção, *mas*. Parece-nos, aqui, que a dualidade *experiência* – intuição – e *poder* – 200% melhor que eu – aponta em uma direção que insiste em apartar as práticas sociais da ciência ocidental. Nossa leitura, nos inquirir a pensar: Qual o posicionamento da caracterização percentual em uma escala que é construída a partir de sentidos e imagens construídas pelo e para o corpo? Um instrumento normativo – a Matemática revelada pelo “%” – garante veracidade e seguridade a um discurso, mesmo que as formas de vida implicadas nesse discurso não dialoguem com as normas e regras dessa Matemática disciplinatória e hierarquizada. Sem pretensões hierárquicas, a conjunção demarca uma oposição da qual temos tentado nos libertar.

Remetendo a Anzaldúa (2000), como você doma uma língua selvagem, adentra-a para ficar quieta, como você a refreia, e põe sela? “200%” como uma nova sela. Uma prática social domada por uma métrica produtivista e balizadora.

Quando eu falo que a vida é selvagem, quero chamar atenção para uma potência de existir que tem uma poética esquecida, abandonada pelas escolas que formam os profissionais que perpetuam a lógica de que a civilização é urbana, e tudo que está fora das cidades é bárbaro, primitivo – e a gente pode tacar fogo. (Krenak, 2022, pp.32, 33)

Remetendo, agora, à fala que intitula este texto, “Nada disso foi programado, nada disso tem medida, não”, a problematização nos transporta ao lugar da *iterabilidade* e da produção de saberes. Certamente, não nos intenta a hipótese da programação segundo um fluxograma com previsibilidade milimétrica entre peças semelhantes: duas botijas, por exemplo. A função da botija continuará a mesma e a capacidade, talvez, entre peças de artesãs diferentes, seja aproximada, mas, mesmo que peças sigam a mesma técnica, nunca serão iguais.

Cada mulher deixa seus *rastros*. Cada *território-artesã* sinaliza sua forma de inserção no mundo pelas suas práticas materializadas no barro queimado. Como nos conta Maria José Gomes da Silva, popularmente conhecida como Zezinha, “Parece que você vê a sombra da artesã na peça” (Machado, 2021, p.118). Não há nada de essencial em uma técnica. Dando continuidade à problematização, conseguimos vislumbrar, neste ponto, uma prática social enquanto um jogo de linguagem iterativo. O saber que emerge dessas práticas pode, em conceitualização derrideana, ser tratado como acontecimento?

Um acontecimento não mereceria seu nome, não faria nada acontecer se outra coisa não fizesse senão desenvolver, explicitar, atualizar o que já era possível, ou seja, em suma, se se resumisse a desenvolver um programa ou a aplicar uma regra geral a um caso, para que haja acontecimento, certamente é preciso que ele seja possível, mas também que haja um interrupção excepcional,

absolutamente singular, no regime de possibilidade; é preciso que o acontecimento não seja, simplesmente, possível; é preciso que não se reduza a uma explicação, ao desenvolvimento, à passagem ao ato de um possível. (Derrida, 2004, p.281)

Essas matemáticas, então, que emergem das práticas sociais dessas artesãs, podem ser tratadas no campo da excepcionalidade? Essas práticas são iterativas, não programadas e suscetíveis aos corpos que as produzem, entretanto não uma irrupção ao novo. A prática artesanal existe com a natureza em solução às demandas das vidas humanas no cerrado. A perpetuação da prática não inaugura um modo de se ver o mundo pois a mesma continuará a despeito de qualquer observador, sujeito ou campo de conhecimento. O que nos interessa são os rastros deixados pelas práticas, o que existe com as pessoas e com o que nosso saber/fazer deixa pelo mundo. O acontecimento se instaura, entretanto, quando a prática deixa de ser um insumo meramente empírico e ocupa, colateralmente, um campo de saberes antes permeado pelas traduções/capturas de uma ciência extrativista. O acontecimento se dá no nível da linguagem. Ou, como nos conta Conceição Evaristo em Becos da Memória, “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, ali é que explode a invenção.” (Evaristo, 2018, p.9).

De fato, as medidas são inexistentes? Não. Elas existem e operam, porém para além daquela oposição binária. Medir, superando uma conceitualização Matemática formal, evidencia-se no campo do sensível ao corpo. Não desleixado, mas subjetivado em cada jogo. Medir, então, ultrapassa qualquer sistema métrico numérico visto que, segundo Condé (2004), “as significações surgem do uso das palavras, mediadas por regras, a partir de nossas práticas sociais, de nossos hábitos, de nossas formas de vida.” (Condé, 2004, p.52).

Seguindo na mesma direção do exposto acima, a artesã Zezinha afirma que “*Você vai fazer 10 flores, você traz uma ‘pelotrinha’<sup>44</sup> pequena (de barro). A gente não tem medida. Eu vou fazer 10 flores e vou precisar ‘x’ de barro. Você não tem dimensão do quanto você gasta de barro para fazer 10 flores. Você não mede, não pesa*”. Mais uma vez, percebemos uma instauração binária do conceito de medida.

Não nos interessa a exatidão, a massa específica do barro ou quantas parcelas serão necessárias para que 10 flores sejam esculpidas. Interessa-nos, entretanto, a similaridade presente entre os conceitos de medida – aquele presente em uma matemática disciplinar e aquele da prática artesanal da Zezinha – mesmo que a artesã siga em outra direção. A situação nos mostra que “os jogos de linguagem estão aí mais como objetos de comparação, os quais, por semelhança e dissemelhança, devem lançar luz nas nossas relações com a linguagem.” (Wittgenstein, IF, §130). Afirmamos, então, da existência de [M]atemática[s]<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Porção, quantidade pequena.

<sup>45</sup> O uso dos colchetes, como opção, não dissocia a palavra de cada significado que grafias diferentes podem assumir.

Imagem 4: “Cabeçada” de Dona Pêdra.



Fonte: Fotografia própria, 2023.

[M]atemática[s] como processo e produto de formas de vida, [M]atemática[s] suscetíveis ao tempo e ao espaço, práticas em que “você vai pintando e vai acontecendo.” Práticas que se constituem em meio a outras, ligadas, entrelaçadas, que ocupam mesmo tempo e espaço, que se fazem em diversos planos, assim como a “Cabeçada” de Dona Pêdra. No alto, uma cabeça que liga todas as outras, mas não em superioridade hierárquica, mas como atividade humana que orienta toda a estrutura.

Afirmamos que essas mulheres *brincam* seus jogos permeados por suas regras e compassos. Assumimos, ainda, o verbo *brincar* ao invés do *jogar*, como previsível, em uma tentativa de colocar os humanos em contato com a naturalidade de cada corpo, naturalidade, mesmo que aparada em certos pontos, ainda não dobrada a uma Matemática<sup>46</sup> enquanto forma de controle e produção. Corpos que, mesmo submetidos a uma demanda de produção – visto que o artesanato é um dos meios de obtenção de renda nas comunidades – fazem nascer *campos de artesanía*. Neste ponto, entender e operar “a expressão decolonialidade busca evidenciar que não é possível desfazer a decolonialidade, ou apagar os rastros de nosso passado colonial, mas, simplesmente, transgredi-la, isto é, atravessá-la.” (Gutiérrez, 2023, p.21)

Os campos de artesanía inserem-se enquanto espaços não (puramente) geográficos, permeados por saberes de corpos específicos que se fazem daquela forma por causa da região.

---

<sup>46</sup> A grafia com inicial maiúscula remete, integralmente, ao sistema de conceitos e regras excepcionalmente ocidentalizados traduzido enquanto dispositivo de controle hierarquização.



Deuzani Gomes dos Santos, sobre o processo de se “levantar” – esculpir – uma boneca de barro, nos conta que

Tem que saber o ponto certo de emendar. Se for mole, entorta. Se for duro, racha. Tudo na mente, não dá pra te explicar. Se eu fosse te explicar... vai estar nesse grau... Eu sei tocando na peça, não sei te explicar. (Machado, 2021, p.118)

O território povoado da *mente* e do *toque* não assume tons de explicação ou demonstração analítica de uma prática, mas, mais uma vez, uma encenação que corrobora os meios de afirmação de uma cultura enquanto demarcação de espaços de (r)existência. Em que local, então, enquanto categoria epistêmica, se situam a *mente* e o *toque*? Em uma afirmação wittgensteiniana, “(...) viver o significado de uma palavra”, *ensinar* por performatividade, *ensinar* enquanto verbo. Não estamos deixando de usar quaisquer palavras, apenas refletindo e assumindo novas formas de uso das mesmas. Estamos, sim, segundo Chimamanda Adichie (2012), evitando um mundo com uma única narrativa.

Dona Faustina, mobilizada pelos rastros das práticas, age com seu corpo performando cada técnica e cada conhecimento na sua interação com o barro. Ela nos conta, ainda, que “muita gente pode pensar que quem mora na roça é bobo. A gente pode não ter estudado, mas a gente entende tudo do jeito da natureza” (Machado, 2021, p.50). Algo de idílico ronda a fala de Dona Faustina, contadora de histórias e representante da comunidade de Campo Buriti em reuniões e assembleias. Não estamos, entretanto, alegorizando sua manifestação em termos fantasiosos ou subalternos. O idílico, para nós, apresenta-se na relação de intimidade com a natureza. Aliás, qual a nossa relação com a natureza? Temos alguma?

O que Dona Faustina traz, do modo em que nos afeta, é a significação do *território-artesã* em meio à geografia do cerrado mineiro. O “jeito da natureza”, lido a partir da linguagem, nos faz apontar que “Nada haveria fora da linguagem, isto é, os objetos da realidade não partiriam de formulações exteriores, ou seja, a significação não estaria nos objetos em si, mas sem sua contribuição linguística.” (Antunes & Bello; 2019, p.136). *Qual natureza, então, conseguimos vislumbrar?* Aquela para além da fauna e flora, aquela que sinaliza dias de chuva pelo florescer de uma planta ou pelo canto de uma ave. Aquela que indica boa sorte pelo cruzar de um animal em sua rota.

A natureza é composta pelos seres humanos e não humanos, pelo barro como insumo de linguagem. Uma natureza que faz parte das formas de vida dos integrantes daquela região e que, certamente, implica na composição dos jogos de linguagem daquela gente. A natureza não é a que quantifica, que exclui, que segrega, mas é aquela em que “o conhecimento tradicional reside tanto ou mais pelos processos de investigação quanto nos acervos prontos já transmitidos pelas gerações anteriores.” (Cunha, 2007, p.78)



A natureza de Dona Faustina nos remete a pensar que “nossos territórios não são recursos, mas vidas que fazem o Ixofymogen<sup>47</sup> do qual somos parte e não proprietários.” (De la Cadena, 2018, p.106). Quais outros modos existem como alternativas aos nossos modos costumeiros de sentir o mundo?

Dos territórios de Dona Faustina, então, nascem toda a sabedoria traduzida em artefatos e em expressões dos habitantes das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre. A terra fez o jeito de ser daquela gente e, em contrapartida, aquela gente se fez com a terra. Nessa relação de complementaridade, as [M]atemática[s] enquanto práticas sociais iterativas de corpos, emergem como figuras próprias do imaginário local. Para “medir” não necessário régua ou para “pesar” não é necessário balança. A linguagem opera enquanto jogos de comparação sucessivos.

### **“Foi assim que o povo descobriu o artesanato”<sup>48</sup>**

Uma prática sem peso, nem medida. [M]atemática[s] de Zezinhas, de Deuzanis, de Carolinas, de Rafaéis, de Filipes e de tantas e tantos mais, que se fazem cotidianamente. Práticas que não dissociam o ser do estar e do sentir, que pegam e sabem o ponto certo de emendar. Não é a busca pelo aparente essencialismo amarrado a um significado de uma palavra, ação ou reação, mas percepções de como os sujeitos se manifestam, em diferentes jogos de linguagem, em suas especificidades, em suas formas, em seus tempos e suas geografias pormenorizadas. Neste artigo, então, problematizamos algumas questões que emergem de uma pesquisa de doutorado em andamento e que residem, à priori, no sentido das *palavras*.

Não nos interessa, entretanto, dizer se uma interpretação é correta ou errada, aliás, não aludimos interpretações, mas enunciações, efetivamente, naquela virada vital-praxiológica. Virada essa, então, que foge de bulas prescritivas e se aproxima de ence(ensi)nações (Tamayo, 2017) enquanto mecanismos iterativos de perpetuação de uma prática sociocultural.

Perceber essas [M]atemática[s] para além do campo hierarquizado de saberes, mas inseridas em campos de artesanania que gozam de uma gramática específica. [M]atemática[s] enquanto práticas guiadas por objetivos específicos. Práticas, então, que estão sujeitas a intencionalidades dos corpos que as conduzem.

Corpos que, vez e sempre, seguem procedimentos iterativos, mesmo que sem instruções assertivas. Corpos que aludem a medidas, a programações geracionais e que imprimem marcas de uma sequência de saberes em um artefato em barro. Corpos que julgam

---

<sup>47</sup> Termo mapuche para designer o que entendemos por ambiente em termos de ser e transformar com outros seres e não em termos de habitar em um contexto dado.

<sup>48</sup> Fala da artesã Faustina Lopes da Silva. Disponível em Machado (2021, p. 119).

que “200%”, aparentemente, é garantia de segurança de um discurso oral, mas que, em situação cotidiana, se valem que ser “bem melhor” já é marca de excelência.

## **Referências**

- ADICHIE, C. **Chimamanda Adichie**: o perigo de uma única história. Youtube, 19 de maio de 2012. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em 10 fev. 2024.
- ALMEIDA, J.J.R. **O método entre o livro e o álbum (IF § 122)**, 2009. Disponível em:<[http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/metodo\\_wittgenstein.pdf](http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/metodo_wittgenstein.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ANTUNES, M.C.; BELLO, S.E.L. **Uma noção de prática pela perspectiva normativa da linguagem**: implicações para a educação matemática. In: MIGUEL, A., VIANNA, C.R.; TAMAYO, C. (Org.). Wittgenstein na Educação. 1 ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019. p.131-166.
- ANTUNES, C. **Movimentos do Jequitinhonha**: corpo e narrativa. 1ed. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2015.
- ANZALDÚA, G. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.8, n.1, 229-236, 2000.
- BORGES, J. L. **O idioma analítico de John Wilkins**. Disponível em: <<https://2serieintegralpaulinia.files.wordpress.com/2018/02/jorge-luis-borges-o-idioma-analc3adtico-de-john-wilkins.pdf>>. Acesso em 13 mar. 2024.
- BENSUSAN, H. O lugar da fala do lugar de fala: sobre escuta e transversalidade. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 32, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/59272>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- CONDÉ, M. **As Teias da Razão**: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2004.
- CUNHA, M. C. **Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico**. Revista USP, São Paulo, n.75, p. 76-84, setembro/novembro 2007
- DE LA CADENA, Marisol. **Natureza incomum**: histórias do antrope-cego. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.
- DERRIDA, J. **De la grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, J. **Papel-máquina**. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- EVARISTO, C. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

- GUTIÉRREZ, O.G.C. **Tras los rastros de Sabaleta**: caminhando la palabra hacia la sanación del território. Tese de Doutorado não publicada. Universidade de Antioquia, 2023.
- HAESBARTH, R. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.
- JULIO, R.S. O processo de entrevistas em uma perspectiva terapêutico-wittgensteiniana. In: MIGUEL, A., VIANNA, C.R.; TAMAYO, C. (Org.). **Wittgenstein na Educação**. 1 ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019. p.85-105.
- KRENAK, A. Futuro ancestral. São Paulo: Schwarcz S.A, 2022.
- MACHADO, R.A. **“A gente tem a experiência do barro”**: entre artesãs, Joana, Rafaéis e (quem sabe?) uma etnomatemática junto à decolonialidade. Dissertação de mestrado em educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- MIGUEL, A. **Historiografia e Terapia na Cidade da linguagem de Wittgenstein**. Bolema, Rio Claro, v.30, n.55. p.368-389, 2016.
- MIGUEL, A; TAMAYO, C; SOUZA, E.G; MONTEIRO, A. **Uma virada vital-praxiológica na formação indisciplinar de educadores**. Revista de Educação Matemática (REMat), São Paulo (SP), v. 19, Edição Especial, pp. 1-22, e022004, 2022.
- MORENO, A. R.. **Introdução a uma epistemologia do uso**. Caderno CRH, v. 25, n. spe2, p. 73-95, 2012.
- RESTREPO, A.M.Q; OSORIO, A.M. **matemáticaS, educación y paz en la escuela**. Dissertação de mestrado em educação. Universidad de Antioquia, Antioquia, 2020.
- TAMAYO, C. **Vení, vamos hamargar el mundo, hasta que te asustes**: uma terapia do desejo da escolarização moderna. Tese de doutorado em educação. UNICAMP, Campinas, 2017.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. O recado da mata. In: KOPENAWA, D., ALBERT, B. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Schwarcz S.A., 2015.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophische Untersuchungen/Investigações filosóficas**. Tradução de João José R. L. Almeida. Edição Bilingue Alemão-português. s/d. Disponível em: <Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/InvestigacoesFilosoficas-Original.pdf> >. Acesso em: 03 jun. 2020.

## **Biografia Resumida**

---

**Rafael Antunes Machado.** Licenciatura em Matemática. Mestre em Educação UFMG/FaE (Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Educação). Doutorando em educação UFMG/FaE. Professor da rede municipal de educação de Belo Horizonte (SMED Secretaria Municipal de Educação/Belo Horizonte/Minas Gerais). Integrante do grupo de pesquisa inSURgir (inSURgir/UFMG).

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0386463322601077>

**Contato:** rafantunesmachado@gmail.com

**Carolina Tamayo.** Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Integrante do grupo de pesquisa inSURgir (inSURgir/UFMG), Grupo de Pesquisa Phala (UNICAMP) e Grupo de pesquisa “Matemática, Educación y Sociedad-MÊS” (UdeA, Colômbia).

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6367762759488440>

**Contato:** carolinatamayo@ufmg.br